Minibiografias dos(as) cursistas LIINDI/UNILAB/PARFOR EQUIDADE

Povo Anacé

Ariana Lima da Silva (Anaíra Anacé)



Sou pertencente ao povo Anacé, da Reserva Indígena Taba dos Anacé, em Caucaia, Ceará.

Cresci no movimento indígena e também na escola indígena, vivenciando de perto a nossa cultura, nossos costumes e os ensinamentos do nosso povo. Acredito que a educação é uma forma muito importante de fazer com que nossa cultura seja cada vez mais valorizada e continue viva.

Minha principal motivação para ingressar na Licenciatura Intercultural Indígena é poder compartilhar tudo aquilo que aprendi ao longo da minha trajetória na escola indígena e junto ao nosso povo. Quero contribuir para que as próximas gerações também tenham a oportunidade de conhecer, vivenciar e valorizar a nossa cultura e a nossa história.

Gustavo Moraes Sales



Sou pertencente do povo Anacé, da Reserva Indígeba Taba dos Anacé, Caucaia- Ce e atuo há 8 anos na Escola Indígena Direito de Aprender, contribuindo com o processo educativo dentro da nossa comunidade. Além do trabalho na escola, também faço parte da primeira brigada do povo Anacé, atuando na proteção do nosso território e no cuidado com a natureza.

Minha motivação sempre foi ver a educação indígena crescer e se fortalecer junto com nossas culturas, saberes e tradições. Acredito que a escola indígena deve valorizar a identidade do nosso povo e contribuir para a formação das novas gerações com respeito à nossa história e ao nosso território.

Por isso, participar da Licenciatura Intercultural Indígena é muito importante por ampliar conhecimentos e fortalecer ainda mais a educação nas escolas indígenas, contribuindo para que ela esteja cada vez mais ligada à realidade, à cultura e às lutas do povo Anacé.

Josenir Policarpo Ribeiro



Sou pertencente do povo Anacé, da Reserva Indígeba Taba dos Anacé, Caucaia- Ce e atuo há 8 anos na Escola Indígena Direito de Aprender, contribuindo com o processo educativo dentro da nossa comunidade. Além do trabalho na escola, também faço parte da primeira brigada do povo Anacé, atuando na proteção do nosso território e no cuidado com a natureza.

Minha motivação sempre foi ver a educação indígena crescer e se fortalecer junto com nossas culturas, saberes e tradições. Acredito que a escola indígena deve valorizar a identidade do nosso povo e contribuir para a formação das novas gerações com respeito à nossa história e ao nosso território.

Por isso, participar da Licenciatura Intercultural Indígena é muito importante por ampliar conhecimentos e fortalecer ainda mais a educação nas escolas indígenas, contribuindo para que ela esteja cada vez mais ligada à realidade, à cultura e às lutas do povo Anacé.

Paulo Roberto Oliveira da Silva



Sou pertencente do povo Anacé, da Reserva Indígeba Taba dos Anacé, Caucaia- Ce e atuo há 8 anos na Escola Indígena Direito de Aprender, contribuindo com o processo educativo dentro da nossa comunidade. Além do trabalho na escola, também faço parte da primeira brigada do povo Anacé, atuando na proteção do nosso território e no cuidado com a natureza.

Minha motivação sempre foi ver a educação indígena crescer e se fortalecer junto com nossas culturas, saberes e tradições. Acredito que a escola indígena deve valorizar a identidade do nosso povo e contribuir para a formação das novas gerações com respeito à nossa história e ao nosso território.

Por isso, participar da Licenciatura Intercultural Indígena é muito importante por ampliar conhecimentos e fortalecer ainda mais a educação nas escolas indígenas, contribuindo para que ela esteja cada vez mais ligada à realidade, à cultura e às lutas do povo Anacé.

Povo Jenipapo-Kanindé

Glauciana Alves



Sou pertencente ao povo Jenipapo-Kanindé, da aldeia Lagoa Encantada, em Aquiraz-CE.

Sou neta da primeira mulher reconhecida como cacique no Brasil, e, por isso, faço parte da militância indígena desde a infância. Profissionalmente, atuo como guardete na Escola Indígena Jenipapo-Kanindé.

Vejo a Licenciatura Intercultural Indígena como um importante instrumento de reavivamento dos nossos conhecimentos ancestrais e de valorização da nossa cultura e das nossas tradições. Além da licenciatura, também sou acadêmica no curso Técnico em Enfermagem.

Meu objetivo é atuar nas áreas da educação ou da saúde, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida do meu povo e da minha comunidade.

Williame Monteiro Dantas



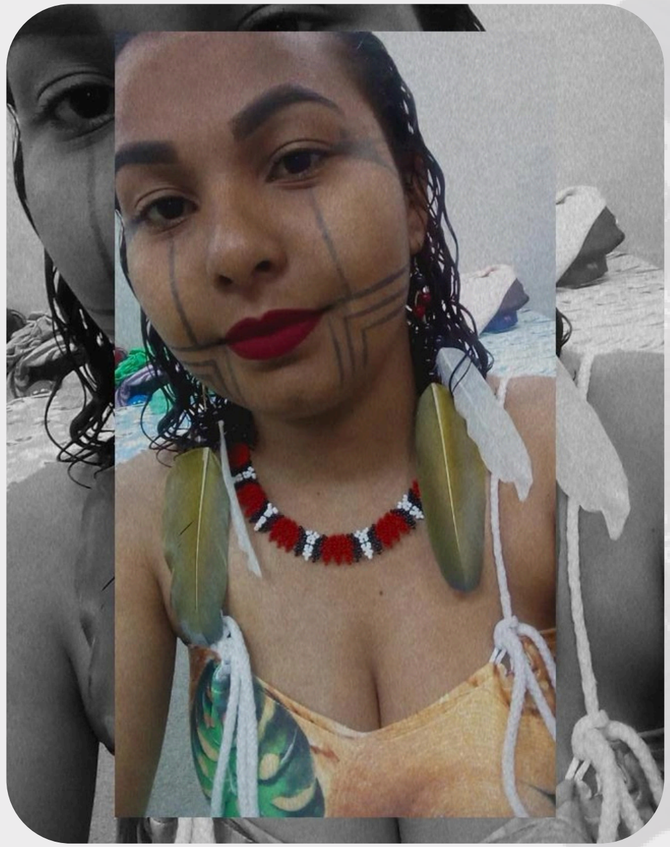
Sou pertencente ao povo Jenipapo-Kanindé, da aldeia Lagoa Encantada, em Aquiraz-CE.

Sou filho de liderança e de professor indígena, além de jovem militante do movimento indígena. Represento minha comunidade em assembleias da juventude indígena do Ceará, contribuindo para a participação dos jovens nas lutas e decisões coletivas.

Vejo a Licenciatura Intercultural Indígena como uma oportunidade de aprofundar os conhecimentos dos nossos antepassados e compartilhá-los em minha aldeia. Ao mesmo tempo, a formação me permite conhecer a história, a cultura e os modos de vida de outras etnias, promovendo uma rica troca de saberes e ampliando minha atuação em defesa da nossa identidade e dos nossos direitos.

Povo Kanindé

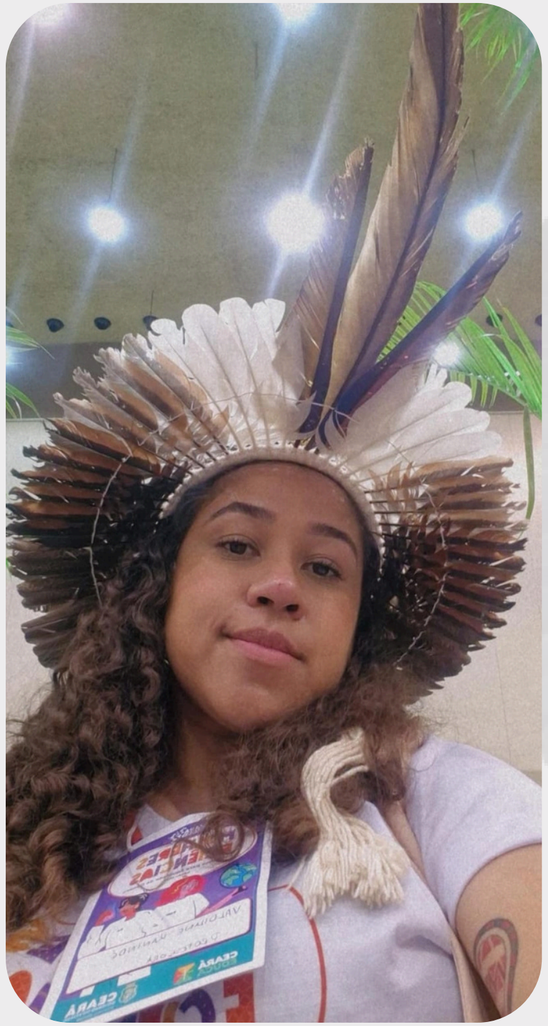
Francisca Tainara Lopes dos Santos



Sou pertencente do povo Kanindé, da Aldeia da Balança, Aratuba-Ce.

Estou no curso com o objetivo de levar novos conhecimentos para minha aldeia, apresentar aos nossos curumins as histórias e lutas de outros povos indígenas e fortalecer ainda mais a nossa cultura. Também busco contribuir para a formação de mais professores indígenas em nossas escolas e mostrar a força do nosso povo.

Valdilane Santos Alexandre



Sou pertencente do povo Kanindé de Aratuba, da Aldeia Fernandes, Aratuba- Ce. Sou professora e pesquisadora indígena, formada em Química pela UNILAB, com formação também em Física pela Uninter e mestrado em Energia e Ambiente, com ênfase em processos químicos pela UNILAB .

Atuo no ensino de Ciências da Natureza e Matemática na escola indígena do meu povo, onde também realizei minha formação no Ensino Médio, desenvolvendo um trabalho comprometido com a valorização dos saberes tradicionais. Minha trajetória é marcada pela atuação na etnoquímica e nas etnociências, buscando integrar os conhecimentos científicos aos saberes ancestrais presentes na comunidade.

Acredito em uma educação contextualizada, que respeite a cultura, a história e os modos de vida indígenas, contribuindo para a formação crítica e consciente dos estudantes. Além da atuação profissional, participo ativamente de ações educativas, culturais e sociais na aldeia, integrando também o movimento indígena dentro e fora da comunidade, na luta pela valorização, pelos direitos e pela visibilidade dos povos indígenas.

Povo Karão Jaguaribaras

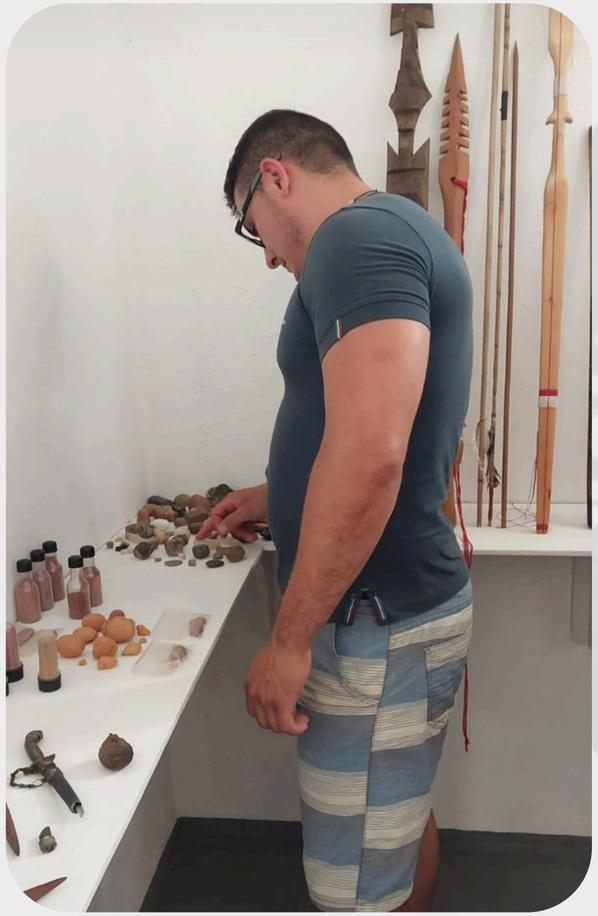
Francisca Cauane Fidelis Pereira



Sou pertencente ao povo Karão Jaguaribaras, da Aldeia Kalembre Jacarandá, e atualmente curso a Licenciatura Intercultural Indígena. Minha trajetória acadêmica representa não apenas uma conquista pessoal, mas também um compromisso com meu povo, com a valorização da nossa cultura e com o fortalecimento da educação indígena.

Minha motivação para cursar a Licenciatura Intercultural Indígena nasce do desejo de aprender, contribuir e compartilhar esse conhecimento com a minha comunidade. Quero que minha formação possa servir como instrumento de fortalecimento do meu povo, especialmente na educação das crianças e dos jovens.

Francisco Eudes Gomes dos Santos



Sou integrante do movimento indígena e venho construindo minha trajetória por meio da participação em diferentes espaços de luta, organização e valorização dos povos indígenas.

Ao longo dessa caminhada, tive a oportunidade de conhecer diferentes territórios indígenas do Ceará e de atuar junto às comunidades, colocando-me à disposição para contribuir com as demandas e necessidades do movimento indígena.

Fui acadêmico do curso de Letras e possuo formações técnicas na área da Saúde. Também atuei como servidor público e, atualmente, desenvolvo atividades agrícolas.

Vejo na LIINDI uma importante oportunidade de ampliar meus conhecimentos e contribuir para a preservação e valorização da história, da cultura e dos saberes indígenas, fortalecendo sua continuidade e evitando que sejam apagados ou desvalorizados pelo processo histórico de colonização em nossos territórios.

Francisco Gilberto Germano de Freitas



Sou pertencente ao povo Karão Jaguaribaras, do Kalembre, localizado entre Aratuba e Canindé.

Desde jovem, participo do movimento indígena, representando as necessidades da minha comunidade em reuniões e junto aos órgãos públicos. Minha caminhada é guiada pelo compromisso de fortalecer nosso território, preservar nossa cultura e contribuir para que os povos indígenas conquistem cada vez mais direitos.

Na LIINDI/UNILAB/PARFOR EQUIDADE, encontro na educação uma ferramenta para transformar nossa realidade. Por meio da alternância pedagógica, consigo unir os conhecimentos da universidade aos saberes tradicionais e aplicar o que aprendo diretamente no Kalembre, fortalecendo uma educação construída de acordo com nossos valores, nossa cultura e nossas necessidades.

Maria Cleityane Cordeiro Lima (Tyane Karão Jaguaribaras)



Sou indígena do Povo Karão Jaguaribaras, residente na Aldeia Kalembre Feijão, localizada na zona rural, na divisa entre Aratuba e Canindé.

Sou filha da Cacique Mãe Outa e do Pajé Rui Karão. Cresci no Kalembre, aprendendo com minha família o valor da espiritualidade, da união e dos saberes ancestrais. A força da minha mãe e a ancestralidade feminina Karão fazem parte da minha identidade e da resistência do nosso povo.

Em 2014, ingressei na UNILAB, inicialmente no Bacharelado em Humanidades, realizando um sonho compartilhado com minha família e minha comunidade. Hoje, curso a Licenciatura Intercultural Indígena e fortaleço meu compromisso com uma educação que valorize nossas identidades, dialogue com diferentes saberes e contribua para a conquista de direitos.

Paulo Henrique Lima da Silva



Sou indígena, residente na Aldeia Kalembre Feijão, localizada na zona rural, na divisa entre Aratuba e Canindé. Sou jovem militante, agricultor, artesão e músico indígena. Meu trabalho com a música, dentro da minha comunidade, busca transmitir as energias e a vitalidade da natureza por meio do toque. Para além dos limites do Kalembre, utilizo a musicalidade como instrumento de militância e de demarcação de espaços.

No meu povo, desde cedo somos incentivados a vivenciar a música nas práticas espirituais e festivas. Por isso, meu contato com a musicalidade vem desde o berço e, acima de tudo, é uma herança ancestral.

Na UNILAB, por meio da Licenciatura Intercultural Indígena, desenvolvo trabalhos acadêmicos e fortaleço minha luta por uma educação de qualidade para o meu povo e para os demais povos indígenas do Ceará.

Raimunda Amanda Marcos da Silva



Sou pertencente ao povo Karão Jaguaribaras, da Aldeia Kalembre Feijão, em Canindé-CE.

Acredito que cursar a Licenciatura Intercultural Indígena representa uma oportunidade de ampliar conhecimentos, fortalecer a troca de saberes entre os povos indígenas e dar continuidade à luta coletiva em defesa dos nossos direitos, da nossa cultura e da valorização da nossa identidade.

Vitoria Mirla Lima da Silva (Kenai karão)



Sou Kenai Karão, artista visual e liderança jovem do povo Karão Jaguaribaras, do Ceará.

Graduanda da LIINDI/UNILAB/PARFOR Equidade, desenvolvo minha trajetória entre a arte, a educação, a memória e a ancestralidade do meu povo.

Minha luta nasce da necessidade de proteger e dar visibilidade ao território, à oralidade dos meus troncos e às nossas experiências coletivas, buscando fortalecer a identidade, a cultura e a luta dos povos indígenas.

Povo Kariri

Diana Maria Barbosa Venancio Vieira (Cacique Diana Kariri)



Sou liderança indígena do povo Kariri, do Território Indígena Maratoan, em Crateús-CE. Integro a diretoria da Associação Kariri, espaço de organização e fortalecimento do nosso povo.

Sou coordenadora e uma das fundadoras do Memorial Vicente Kariri, que carrega o nome e a história do meu pai — guardião da memória e da cultura Kariri. À frente do Laboratório da Língua Nativa Dzubukuá Kariri, luto diariamente pelo direito de falar, ensinar e vivenciar nossa língua ancestral. Também coordeno a Oca dos Sabores, espaço onde alimentação, cultura e território se encontram.

Para além da luta política, carrego a espiritualidade que me guia: tenho o dom da reza e realizo limpezas espirituais com incensos medicinais, cuidando do corpo, da mente e do espírito do nosso povo.

Atuo nas conquistas por educação diferenciada, saúde indígena, cultura viva e garantia de direitos no Território Maratoan.
Minha caminhada é coletiva, e meu compromisso é com a vida, com a memória e com o futuro do povo Kariri.

Elivania Barbosa Rodrigues



Sou pertencente ao povo Kariri da aldeia Maratoan, localizado no sertão de Crateús-CE. Atualmente, estou cursando o quarto semestre da Licenciatura Intercultural Indígena (LIINDI/UNILAB/PARFOR Equidade).

Atuo como funcionária da Escola Indígena Kariri Tabajara, aluna da Escola de Audiovisual Vicente Kariri e protagonista da juventude indígena da aldeia Maratoan.

O que me motiva a integrar ao curso é o compromisso com a valorização da minha identidade, da ancestralidade e da resistência do meu povo, elementos que orientam e fortalecem minha trajetória na educação.

Francisca Geiciane Rodrigues Venancio Ferreira



Sou pertencente ao povo Kariri da aldeia Maratoan, Crateús-CE. Atualmente, estou cursando o quarto semestre da Licenciatura Intercultural Indígena (LIINDI/UNILAB/PARFOR Equidade).

Sou secretária da Escola Indígena Kariri Tabajara, liderança jovem da minha comunidade e aluna da Escola de Audiovisual Vicente Kariri, onde atuo como assistente de produção.

Respeito profundamente meus ancestrais e as lideranças que abriram caminhos para as conquistas do nosso povo. Tenho orgulho da história, da resistência e dos avanços da aldeia Maratoan, buscando contribuir para o fortalecimento da cultura e da juventude indígena.

Além da Licenciatura Intercultural Indígena, possuo formação em outras áreas e curso uma segunda graduação, dando continuidade aos meus projetos de vida e formação profissional. Tenho muito orgulho de fazer parte da LIINDI e de seguir aprendendo para contribuir cada vez mais com minha comunidade.

Francisco Lucas Venancio de Sousa



Sou pertencente ao povo Kariri da aldeia Maratoan, Crateús-CE. Desde criança participo da luta do meu povo e, ao longo dessa caminhada, aprendi a defender os direitos indígenas e a valorizar nossa história, cultura e identidade.

Sou graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e atualmente sou mestrando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em História e Letras. Minha pesquisa está voltada para as memórias do povo Kariri e para o fortalecimento da língua materna Dzubukuá Kariri, contribuindo para sua revitalização no município de Crateús.

Atualmente, coordeno o Primeiro Laboratório da Língua Dzubukuá Kariri e a Escola de Audiovisual Vicente Kariri. Também fui cofundador do Memorial dos Povos Indígenas Vicente Kariri, espaço dedicado à preservação da memória, da história e da cultura dos povos indígenas. Além dessas atividades, exerço liderança junto ao meu povo, atuando na defesa dos direitos indígenas e na valorização de nossos saberes ancestrais.

Educação é a única revolução que temos no presente e na construção de novos caminhos para o futuro

Luciano Vieira de Sousa



Sou pertencente ao povo Kariri, da aldeia Maratoan, Crateús-Ce. Sou liderança indígena e atual presidente da Associação Indígena Kariri de Crateús. Também sou um dos idealizadores e coordenadores do Memorial Vicente Kariri, coordenador do Laboratório da Língua Nativa Dzubukuá e da Oca dos Saberes.

Atuo de forma significativa nas áreas da educação, saúde e valorização da cultura no território indígena Maratoan, contribuindo para o fortalecimento da identidade e dos saberes do povo Kariri

Pedro Henrique Venancio Dias (Enarê Kariri)



Sou indígena do povo Kariri, nascido e criado na Aldeia Maratoan, em Crateús, Ceará. Desde criança, envolvi-me no movimento indígena, lutando pelos direitos e pela valorização da cultura dos povos originários. Na aldeia, atuo junto à juventude, buscando fortalecer a identidade, a resistência indígena e a diversidade. Meu interesse pela educação está ligado à preservação da nossa cultura.

Por isso, busco cursar a Licenciatura Intercultural Indígena para contribuir com a formação de professores que respeitem e valorizem a diversidade cultural e linguística dos povos indígenas. Minha motivação é fortalecer a educação indígena e contribuir para um futuro mais justo. Acredito que a educação é uma ferramenta para a transformação social e para a preservação da nossa identidade.

O curso é fundamental para a formação de professores que atuem de forma contextualizada e respeitosa nas escolas indígenas. É uma oportunidade de aprofundar conhecimentos, valorizar a cultura e a língua dos povos indígenas do Ceará e fortalecer a diversidade indígena nos espaços acadêmicos.

Povo Pitaguary

Ana Carina da Costa Floriano

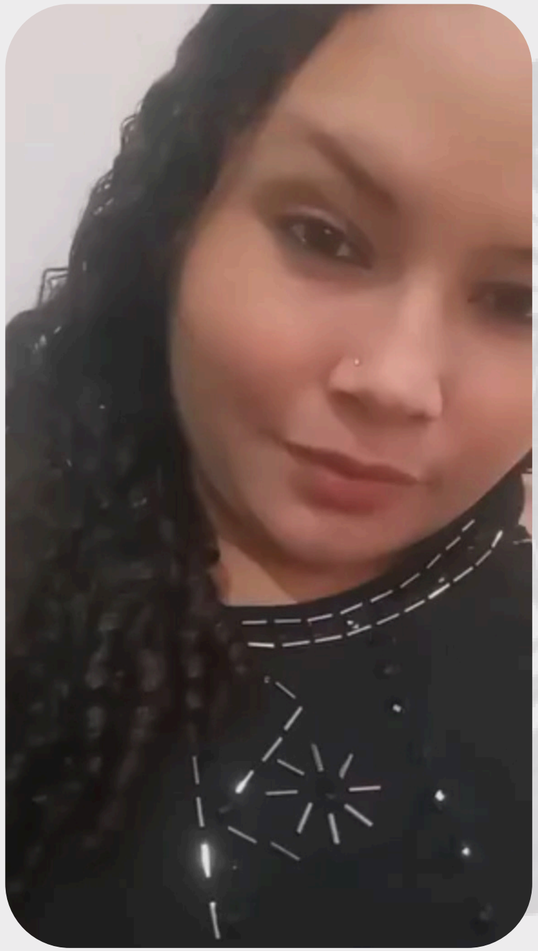


Sou pertencente do povo Pitaguary, da aldeia Monguba, Pacatuba-Ce.

Tenho compromisso com a valorização da minha cultura e da educação indígena, buscando fortalecer meus conhecimentos para contribuir com minha comunidade, sempre respeitando nossas tradições e identidade.

Tenho grande interesse na Licenciatura Intercultural Indígena, pois acredito na educação como um importante caminho para a preservação cultural e para a autonomia dos povos indígenas. Meu objetivo é atuar como educadora, articulando os saberes tradicionais aos conhecimentos acadêmicos.

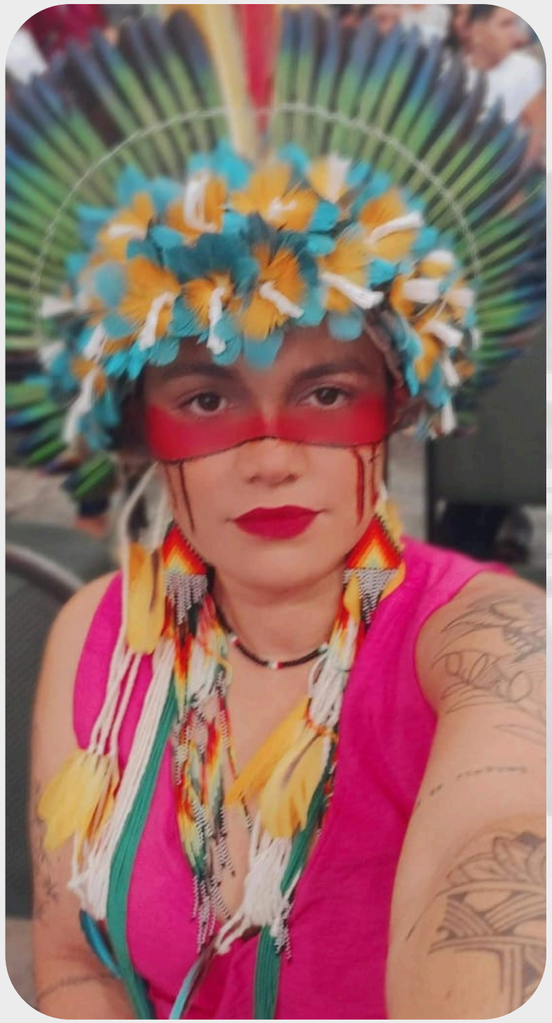
Ana Carolina da Silva de Farias



Sou pertencente do povo Pitaguary, da aldeia Monguba, Pacatuba-Ce.

Tenho muito orgulho da minha cultura e das minhas raízes, reconhecendo a importância de fortalecer e valorizar os saberes e tradições do meu povo. Acredito que nossa cultura é viva e deve ser respeitada tanto dentro quanto fora da aldeia, sendo fundamental para a preservação da nossa identidade e ancestralidade.

Ana Vanessa Sousa do Nascimento

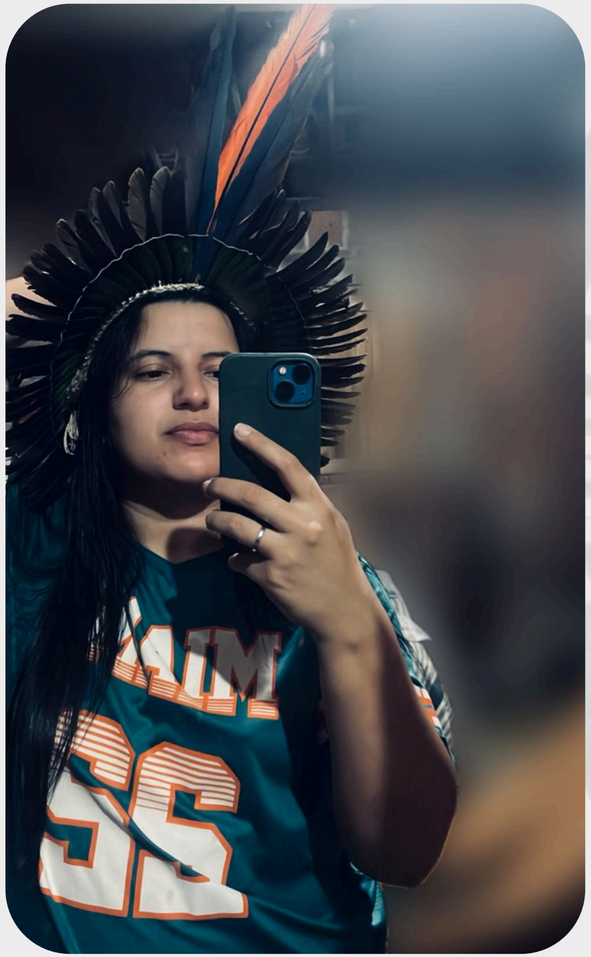


Sou liderança indígena e atualmente exerço a função de diretora da Escola Indígena Ita-Ara, desenvolvendo um trabalho voltado ao fortalecimento da educação escolar indígena diferenciada, intercultural e comunitária. Sou graduada em Pedagogia, com especialização em Gestão Escolar e Educação Indígena, e minha trajetória está diretamente ligada à luta pelos direitos dos povos indígenas, especialmente nas áreas da educação, saúde, da cultura e da defesa do território.

Integro a Federação dos Povos e Organizações Indígenas do Ceará (FEPOINCE), participando de mobilizações e espaços de construção de políticas públicas voltadas aos povos indígenas. Acredito na educação como ferramenta fundamental para a autonomia dos povos indígenas e para a preservação da nossa identidade, história e memória coletiva.

Cursar a Licenciatura Intercultural Indígena fortalece minha atuação como educadora e liderança, ampliando conhecimentos e contribuindo para a construção de uma educação comprometida com os saberes tradicionais e os projetos de vida dos povos indígenas.

Antonia Caiane da Costa Floriano



Sou pertencente do povo Pitaguary, da aldeia Monguba, Pacatuba-Ce.

Ao longo da minha trajetória, tenho buscado aprender e contribuir para o fortalecimento da educação indígena, reconhecendo a importância dos conhecimentos ancestrais transmitidos pelos nossos mais velhos. Tenho grande interesse em temas como ancestralidade, oralidade, memória, grafismo indígena e valorização da cultura dos povos originários, pois acredito que esses saberes precisam ser preservados e compartilhados com as novas gerações.

A Licenciatura Intercultural Indígena fortalece minha formação ao unir os conhecimentos acadêmicos aos saberes tradicionais do povo Pitaguary.

O meu objetivo é continuar aprendendo, fortalecendo minha comunidade e colaborando para que a história, a cultura e os conhecimentos do povo Pitaguary permaneçam vivos, sendo reconhecidos e valorizados dentro e fora dos territórios indígenas.

Antonia Gerliene Adriano da Costa



Sou professora da Escola Indígena Itá-Ara, onde atuo com dedicação na educação e na valorização dos saberes, da cultura e da identidade indígena. Em minha trajetória profissional, busco contribuir para uma educação que respeite a história, a ancestralidade e os conhecimentos tradicionais do meu povo.

Atualmente, curso a Licenciatura Intercultural Indígena pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), formação voltada às especificidades da educação escolar indígena e ao diálogo entre os conhecimentos acadêmicos e os saberes dos povos originários.

Minha caminhada como professora e estudante representa o compromisso com a formação, a educação indígena e o fortalecimento da cultura e da identidade do meu povo.

Antonia Lucimar Rodrigues



Sou filha de José Rodrigues Filho e Terezinha Furtado Rodrigues, e minha trajetória é marcada pelo compromisso com o meu povo Pitaguary. Meu interesse pela educação indígena vem do desejo de fortalecer minha comunidade por meio do conhecimento.

Estou cursando a Licenciatura Intercultural Indígena porque acredito em uma escola com a nossa cara, que valorize nossa natureza, nossa cultura e nossos saberes ancestrais.

Esse curso é fundamental porque forma professores indígenas para ensinar nossas crianças a se orgulharem de quem são, unindo os saberes da aldeia aos conhecimentos da universidade. É um caminho de resistência, identidade e construção de futuro para o nosso povo.

Nesta caminhada, carrego com orgulho os ensinamentos e o legado do nosso saudoso pajé Barbosa, que partiu em 2022, sendo eu sua seguidora e afiliada. Além disso, faço parte da espiritualidade, realizando rezos, banhos e chás.

Antonia Rosane da Silva Sousa



Sou pertencente do povo Pitaguary, da aldeia Monguba, Pacatuba-Ce.

Estar neste curso vai muito além da busca por uma formação acadêmica. Cada aula, cada ritual e cada visita aos territórios fortalecem minha conexão com a ancestralidade e com os saberes do meu povo. A convivência com parentes de outras etnias amplia a troca de conhecimentos e fortalece nossa união.

Aprender com os mais velhos, guardiões dos saberes ancestrais, é um dos maiores ensinamentos dessa caminhada. Essa formação nos prepara para representar nosso povo com responsabilidade, valorizando nossa cultura, honrando a memória de quem lutou antes de nós e contribuindo para o fortalecimento das futuras gerações.

Antonia Rosemeire Guedes da Silva



Minha trajetória é marcada pelo compromisso com a educação e com o fortalecimento do meu povo.

Sou educadora, formada em Pedagogia e com especializações na área da educação especial, além de mestra em Humanidades. Atualmente atuo como coordenadora escolar, o que me permite contribuir diretamente para a organização e o fortalecimento da educação em minha comunidade.

Como mulher indígena do povo Pitaguary, compreendo que a educação é um caminho fundamental para a valorização da nossa cultura, da nossa história e dos nossos saberes tradicionais. Minha atuação na comunidade está ligada ao compromisso de fortalecer uma educação que respeite nossa identidade.

Antonia Ranyele Chaves Dias (Ytacira Pitaguary)



Sou Ranyele Dias, pertencente ao povo Pitaguary, da aldeia Munguba, em Pacatuba-CE.

Faço parte do grupo de juventude da minha aldeia, contribuindo para o fortalecimento da nossa cultura e da união entre os jovens. Iniciei minha trajetória acadêmica buscando me aprofundar na educação escolar indígena.

Escolhi a Licenciatura Intercultural Indígena para unir os saberes acadêmicos à nossa tradição, levando esse aprendizado de volta à comunidade e contribuindo para a formação das futuras gerações.

Antonio Ivanilton Targino Ponciano



Iniciei minha trajetória educacional aos 7 anos de idade, no Grupo Escolar José Mário Barbosa. Posteriormente, dei continuidade aos estudos no Colégio Gustavo Barroso, em Maracanaú-CE, e concluí o Ensino Médio no Colégio Liceu de Maracanaú.

Buscando aperfeiçoamento profissional e linguístico, realizei curso de Língua Inglesa no Imparh, em Fortaleza. Sou graduada em Pedagogia, com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), além de possuir formação na área de Língua Inglesa.

Na busca constante pela qualificação profissional, especializei-me em Educação Ambiental e Sustentabilidade pela Faculdade Maciço de Baturité (FMB), ampliando minha atuação no campo educacional e em práticas voltadas à conscientização ambiental.

Minha trajetória é marcada pelo compromisso com a educação, pela valorização do conhecimento e pela dedicação ao fortalecimento cultural e social da comunidade indígena Pitaguary.

Antonio Marcelo Pereira de Alcantara



Sou pertencente ao povo Pitaguary, da aldeia Monguba, em Pacatuba-CE.

Desde jovem, aprendi com meus avós e lideranças a importância dos nossos saberes, dos cantos, da medicina da mata, da história de resistência e da espiritualidade que nos mantém vivos enquanto povo.

Cursar a Licenciatura Intercultural Indígena é um passo fundamental em minha trajetória, pois desejo contribuir para o fortalecimento de uma educação diferenciada em minha aldeia, garantindo que os saberes do povo Pitaguary tenham espaço e reconhecimento no currículo escolar. Meu compromisso é compartilhar com minha comunidade os conhecimentos adquiridos, contribuindo para a formação de novas gerações conscientes de sua história, identidade e direitos.

Carla Elke Lopes da Silva



Sou pertencente do povo Pitaguary, da aldeia de Santo Antônio, Maracanaú- Ce. Além de cursar a LIINDI/UNILAB/PARFOR EQUIDADE, também sou aluna do curso de Gestão Financeira ofertada pela Universidade de Fortaleza (Unifor).

Sou Ambientalista nativista, fundadora e diretora geral da primeira banda indígena diferenciada no território Pitaguary.

Também sou fundadora do grupo Tupã de Kurumins do Pitaguary, que reúne 105 componentes entre jovens, crianças e adolescentes, com o intuito de fortalecer a cultura e a ancestralidade, trazendo a força e a energia da nossa espiritualidade.

Francisca Jaqueline Vieira da Silva



Sou pertencente ao povo Pitaguary, da aldeia Central/Santo Antônio, em Pacatuba-CE.

Sou uma mulher indígena do povo Pitaguary, comprometida com minha identidade, cultura e comunidade, com uma trajetória marcada pela valorização das minhas raízes.

Motivada pelo desejo de ampliar meus conhecimentos e contribuir com meu povo, vejo na educação indígena uma importante ferramenta de transformação social. A Licenciatura Intercultural Indígena representa não apenas meu crescimento pessoal e acadêmico, mas também um compromisso coletivo com a valorização da cultura, da identidade e da educação diferenciada.

Francisco Hernando Gonçalves de Moura



Sou pertencente do povo Pitaguary, da aldeia do horto, Maracanaú- Ce.

Sou uma pessoa que está sempre disposta a participar das ações no território, junto às lideranças. Desde o início das nossas lutas, temos como foco a educação, tanto nas escolas quanto nos conhecimentos, crenças e saberes dos nossos troncos velhos. Na licenciatura, também ampliamos o conhecimento em outras áreas relacionadas aos nossos direitos

Francisco Jackson do Nascimento Silva



Sou pertencente do povo Pitaguary, da aldeia Monguba, Pacatuba-Ce.

Também sou integrante do grupo de juventude da aldeia, que atua no fortalecimento da cultura e da comunidade.
Sou artista de grafismos indígenas, expressando, por meio da arte, a identidade, a tradição e a ancestralidade do meu povo.

Ao ingressar na LIINDI/UNILAB/PARFOR, não imaginava o quanto essa jornada representaria, ao mesmo tempo, um retorno às raízes do povo Pitaguary e uma abertura para novas formas de pensar e praticar a educação. Hoje, percebo que essa formação não é apenas acadêmica, mas também um processo de fortalecimento da minha identidade e do meu compromisso com a educação como instrumento de resistência e reconstrução cultural.

Jailson da Silva Souza

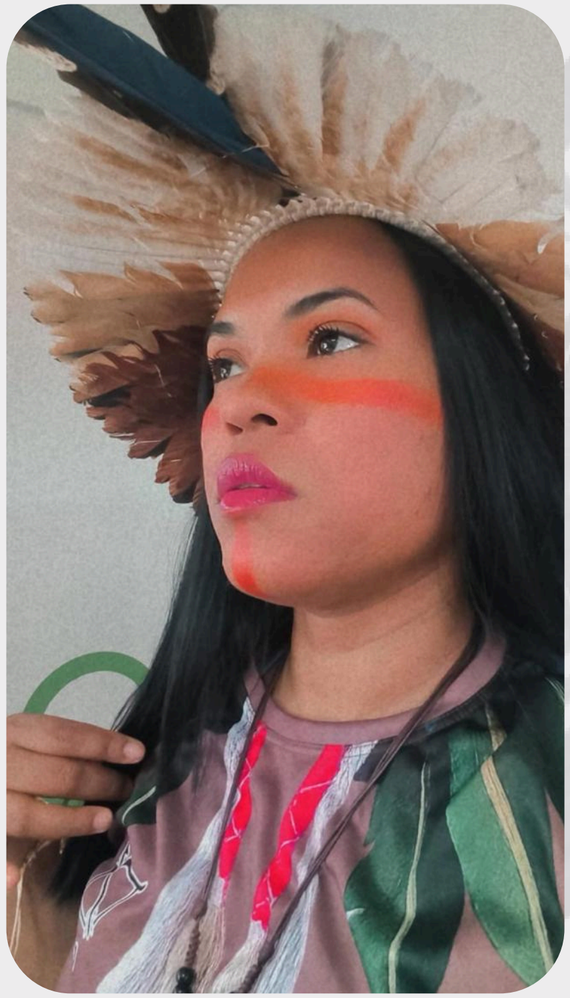


Sou natural de Pacatuba, Ceará, e nasci no território indígena Pitaguary de Monguba. Atualmente, curso minha primeira graduação, a Licenciatura Intercultural Indígena (LIINDI/UNILAB/PARFOR EQUIDADE).

Para mim, estar na universidade representa mais do que uma conquista pessoal. É também uma oportunidade de construir pontes entre os conhecimentos acadêmicos e os saberes ancestrais que existem e resistem em meu território.

Levar o conhecimento produzido na universidade de volta para a comunidade é uma forma de fortalecer nossa história, nossa cultura e nossa identidade, contribuindo para que o território também seja reconhecido como espaço de produção e compartilhamento de conhecimentos.

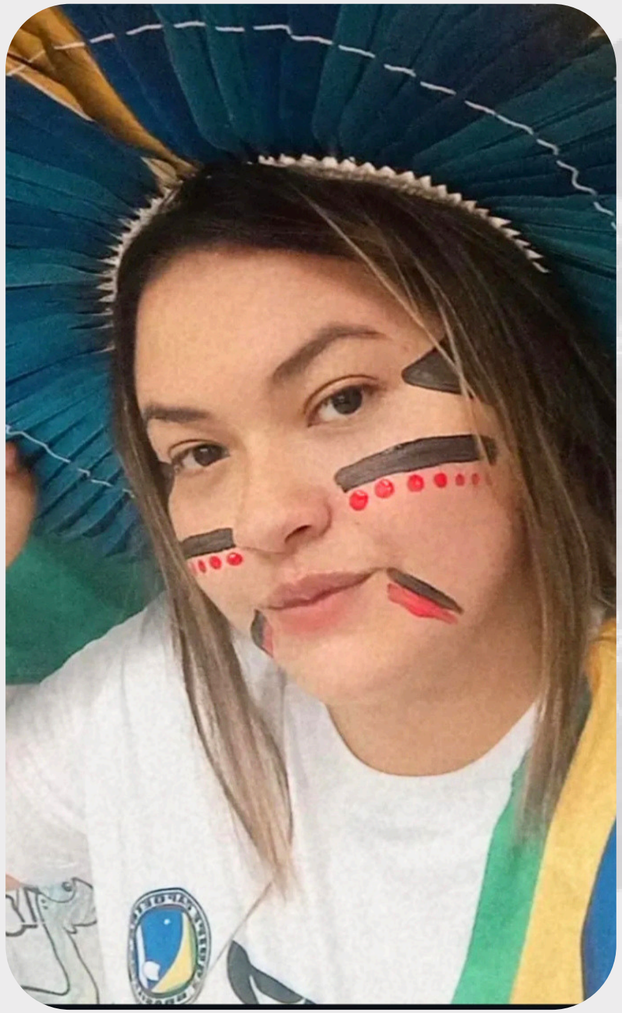
Jessica Oliveira da Silva Alves



Sou Jéssica Pitaguary, agente indígena de saúde, e atuo dentro da minha comunidade levando ações de educação em saúde e conhecimentos da medicina tradicional para minha aldeia. Sempre tive interesse em me aprofundar mais na minha cultura e trazer novos conhecimentos para dentro do meu território, e a Licenciatura Intercultural Indígena surgiu como uma oportunidade indispensável nesse processo.

A Licenciatura Intercultural Indígena é de grande importância para os territórios indígenas, especialmente para a educação indígena, pois promove o respeito, a valorização e o reconhecimento da diversidade cultural. Além disso, fortalece a identidade dos povos indígenas por meio da valorização dos saberes tradicionais, das línguas e dos costumes, contribuindo para a preservação da cultura, o combate ao preconceito histórico e a garantia do direito a uma educação diferenciada.

Joselina Silva de Oliveira



Sou pertencente ao povo Pitaguary de Monguba, em Pacatuba. Atualmente, atuo como profissional de apoio na Escola Indígena Itá-Ara, onde estudei por muitos anos e aprendi a valorizar, fortalecer e manter viva a nossa cultura.

Cursar a Licenciatura Intercultural Indígena está sendo um grande privilégio, pois tenho a oportunidade de trazer um pouco da minha cultura para compartilhar com os parentes e, ao mesmo tempo, levar comigo cada ensinamento e cada saber que cada um carrega em sua trajetória.

Kelviane Silva Oliveira



Sou pertencente do povo Pitaguary, da aldeia do horto, Maracanaú- Ce.

Tenho participação ativa em meu território e sempre estive presente nos Jogos Indígenas. Também sou técnica de enfermagem e exerço minha profissão junto ao meu povo.

A educação é muito importante, e ter a oportunidade de ingressar em uma universidade por meio da Licenciatura Intercultural Indígena é algo emocionante, pois possibilita contribuir ainda mais com o nosso povo, trazendo novos aprendizados e ampliando perspectivas de vida.

Maria Nicole Cabral de Araújo Andrade



Meu nome é Maria Nicole Cabral de Araújo Andrade, sou indígena do povo Pitaguary, da aldeia Monguba, em Pacatuba-CE. Sou formada em Administração, técnica em Administração e, atualmente, curso a Licenciatura Intercultural Indígena (LIINDI/UNILAB), a Licenciatura em Matemática e uma Pós-Graduação em Finanças e Gestão Pública.

Atualmente, trabalho como assessora financeira da Escola Indígena Ita-Ara, espaço onde tenho a oportunidade de contribuir diariamente com a educação escolar indígena e com a minha comunidade. Tenho muito orgulho de pertencer ao povo Pitaguary e de carregar comigo nossa cultura, nossas histórias, nossos saberes e a resistência daqueles que vieram antes de nós. Acredito que estudar e ocupar novos espaços também é uma forma de fortalecer nosso povo e manter viva a nossa identidade.

Sou mãe solo, e a maternidade transformou profundamente a minha maneira de enxergar a vida. Foi através dela que a luta pela inclusão ganhou ainda mais força dentro de mim.

Maria Nicole Cabral de Araújo Andrade



Quero continuar defendendo uma educação em que cada criança seja respeitada em suas diferenças, tenha seus direitos garantidos e encontre um espaço onde realmente se sinta pertencente. Essa é uma luta que pretendo levar comigo por onde eu passar.

Também não poderia falar sobre quem sou sem mencionar a pessoa que é a minha maior referência: minha mãe. Tudo o que sou e muito do que conquistei devo à mulher forte que me criou, me ensinou a lutar e sempre esteve ao meu lado. É nela que encontro inspiração para continuar, mesmo quando o caminho se torna difícil.

Sou feita de muitos sonhos, mas também das minhas raízes. Quero continuar aprendendo, crescendo e contribuindo com a educação, com a inclusão e com o fortalecimento da cultura do meu povo. Tenho orgulho de ser mulher, mãe e Pitaguary, e de construir minha caminhada sem esquecer de onde vim e de quem caminhou antes de mim.

Maria Rosangela da Silva Souza



Sou pertencente ao povo Pitaguary, da aldeia Monguba, em Pacatuba-CE.

Hoje, ao olhar para minha trajetória, sinto gratidão por ter construído minha caminhada na educação indígena. Cada etapa contribuiu para minha formação pessoal e profissional. Tenho orgulho da minha história, da minha comunidade e de carregar comigo a força, os saberes e a identidade do povo Pitaguary.

Maria Rosiane da Silva Sousa



Sou pertencente ao povo Pitaguary, da aldeia Monguba, em Pacatuba-CE.

Neta do líder José Adriano da Silva, hoje encantado, honro seu legado por meio da minha caminhada. A Licenciatura Intercultural Indígena abriu novos caminhos em minha trajetória, fortalecendo em mim o compromisso com a luta e o cuidado pelo Bem Viver do meu povo.

Como pesquisadora, dedico-me à preservação da memória e integro a equipe de mediação do Encontro dos Troncos Velhos Pitaguary de Monguba.

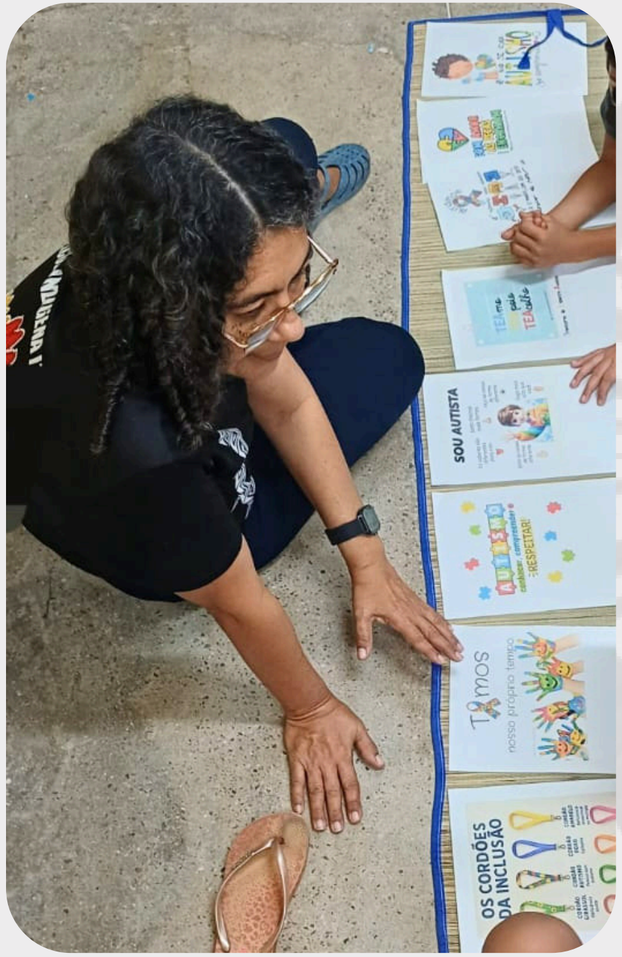
Marly Nascimento de Carvalho



Sou pertencente ao povo Pitaguary, da Aldeia Monguba, em Pacatuba, Ceará. Sou formada em Agronomia e Engenharia de Segurança do Trabalho, além de ser técnica em Segurança do Trabalho, com mais de uma década de atuação na prevenção e na saúde e segurança do trabalhador em diversas áreas operacionais.

Sou estudante da Licenciatura Intercultural Indígena e estou redescobrindo o meu passado e a minha história. Com esse aprendizado, desejo compartilhar com futuros alunos os conhecimentos adquiridos nesse curso oferecido pela UNILAB.

Marta Nascimento de Almeida



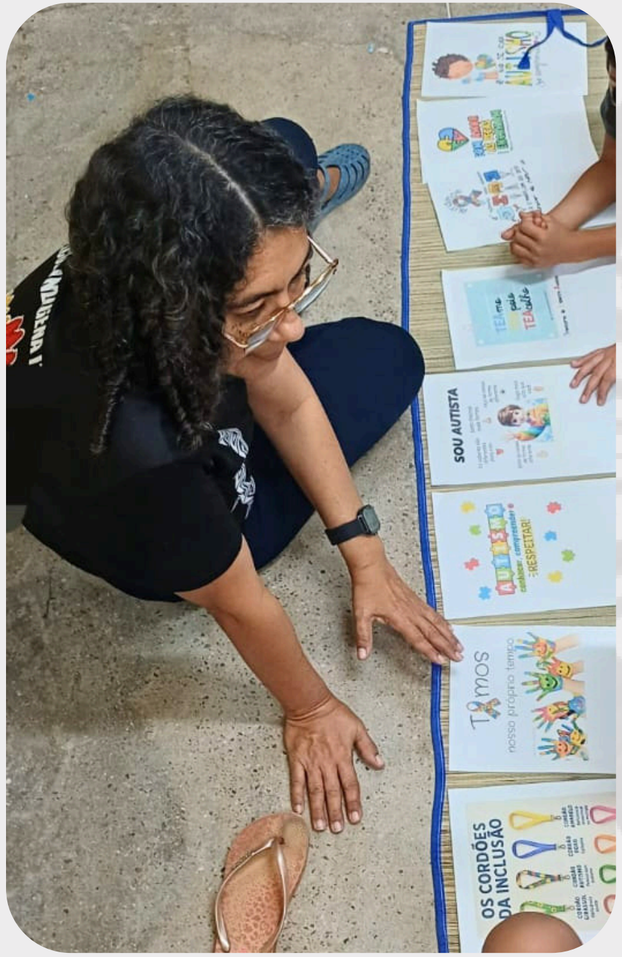
Sou pertencente ao povo Pitaguary, da Aldeia Monguba, em Pacatuba, Ceará.

Sou mãe de 3, avó de 5 netos. Irmã de 6 e filha de pais que tiveram infância e juventude na vivência de recursos da terra, entre dificuldades e escassez. Aos 15 anos, nossa avó paterna falou sobre parentes “índios”, entre eles o pai do Pajé Barbosa.

Minha trajetória iniciou aos 26 anos, na gestão escolar. Até 2024, atuei na Secretaria de Segurança de Pacatuba. Sou professora concursada do Estado, graduada em Pedagogia pela UVA e especialista em Gestão Escolar pela UFC. Curso Libras no Nucli/UNILAB e a Licenciatura Intercultural Indígena (LIINDI/UNILAB/PARFOR Equidade)

Meu objetivo neste curso é refletir, compreender e ressignificar os conhecimentos adquiridos na área de Ciências Humanas, relacionando-os aos saberes, à história, à cultura, à memória, ao território e à realidade dos povos indígenas.

Marta Nascimento de Almeida



Busco valorizar as lideranças, os troncos velhos e os conhecimentos transmitidos entre gerações, qualificando minha prática docente na Educação Escolar Indígena e contribuindo para uma educação não indígena mais intercultural, antirracista, crítica e contextualizada.

Pretendo reconhecer os saberes e as experiências dos povos indígenas como fontes legítimas de conhecimento, evidenciando essas aprendizagens por meio da elaboração, aplicação e reflexão sobre práticas pedagógicas que promovam o reconhecimento, a valorização e a continuidade da memória, da ancestralidade, das narrativas e dos conhecimentos das comunidades indígenas ao longo de minha formação.

Pedro Jezreel Evaristo da Silva



Sou pertencente do povo Pitaguary, da aldeia Munguba em Pacatuba- Ce.

Desde cedo, manifestei interesse pela área da licenciatura, especialmente no campo das Ciências Humanas. Ao surgir a oportunidade de ingresso no curso, abracei-a com dedicação e sigo empenhado na busca pela conclusão da minha formação acadêmica.

Rafaela da Silva Ferreira



Sou pertencente ao povo Pitaguary, da aldeia Central/Santo Antônio, em Pacatuba-CE.

Concluí o Ensino Fundamental em uma escola indígena e o Ensino Médio em uma escola da rede regular. Incentivada por familiares e amigos, passei a participar ativamente dos movimentos do meu povo, como os Jogos Indígenas, reuniões e retomadas, além de aprender a arte dos grafismos indígenas.

Atualmente, atuo como monitora na Escola Municipal Indígena de Educação Básica (EMIEB) Povo Pitaguary e vivo a experiência de cursar uma universidade pela primeira vez. Espero que a Licenciatura Intercultural Indígena me permita levar para a sala de aula os conhecimentos adquiridos dentro e fora da universidade, contribuindo para a formação dos meus alunos e para o fortalecimento da nossa cultura. Sou muito grata à minha família pelo incentivo e apoio nessa caminhada e espero retribuir essa confiança por meio da minha formação.

Raquel Silva Sousa



Sou pertencente ao povo Pitaguary, da aldeia Monguba, em Pacatuba-CE.

Também atuo como docente na Escola Indígena Itá-Ara e sou graduada em Pedagogia. Minha trajetória é marcada pelo compromisso com a educação e com o fortalecimento do meu povo.

Faço parte do movimento indígena desde os tempos de escola, participando ativamente dos eventos da comunidade, das assembleias do povo Pitaguary e das retomadas do território. Como mulher indígena do povo Pitaguary, mantenho meu compromisso com a valorização da nossa cultura e com o fortalecimento da identidade do nosso povo.

Rosangela Pereira de Alcantara



Sou pertencente ao povo Pitaguary, da aldeia Monguba, em Pacatuba-CE.

Tenho o objetivo de atuar na área da educação e contribuir com a formação das novas gerações do meu povo. Participo das atividades, reuniões e eventos da comunidade, fortalecendo minha identidade e meu compromisso com a cultura Pitaguary.

Cursar a Licenciatura Intercultural Indígena representa a realização de uma conquista coletiva, construída pela luta das lideranças indígenas em defesa do acesso ao ensino superior, e uma oportunidade de ampliar conhecimentos para contribuir com o fortalecimento da minha comunidade.

Rose Mary Pereira de Alcantara Assis



Sou pertencente ao povo Pitaguary, da aldeia Monguba, em Pacatuba-CE.

Escolher a Licenciatura Intercultural Indígena é algo movido pelo amor, pela luta e pelo orgulho de pertencer ao povo Pitaguary. Não se trata apenas de conquistar um diploma, mas de honrar a luta daqueles que vieram antes de mim. Na verdade, não fui eu quem escolheu a licenciatura; foi ela que me escolheu.

A educação indígena entrou na minha vida não apenas como uma escolha acadêmica, mas como um chamado, uma retomada espiritual e um fortalecimento da minha identidade. É um sentimento que pulsa em minhas veias e me conecta diretamente à força da etnia Pitaguary.

Minha formação acontece tanto na sala de aula quanto nos ensinamentos dos mais velhos, no respeito ao território e na valorização dos saberes do meu povo. Cursar essa licenciatura é honrar a luta de quem veio antes de mim e contribuir para que nossa cultura, nossa memória e nossa resistência permaneçam vivas.

Yasmim Sousa Braga (Anahí Pitaguary)



Me chamo Yasmim Sousa Braga, tenho dezenove anos e sou indígena do povo Pitaguary, da Aldeia Monguba. Batizada na cultura, recebi o nome Anahí. Atualmente, sou estudante da LIINDI/UNILAB/PARFOR EQUIDADE.

Minha trajetória formativa começou cedo e está profundamente vinculada ao contexto educacional do meu território. Cresci em uma comunidade matriarcal, marcada pela presença de mulheres lideranças e professoras que preservam e transmitem, até hoje, nossos saberes tradicionais.

Aos oito anos de idade, iniciei meus estudos na Escola Indígena Ita-Ara, onde comecei a ampliar minha compreensão sobre identidade, território e cultura, reconhecendo-me como parte dessa trajetória e pertencente ao meu povo.

Meu desejo de ensinar nasce da convicção de que educar também é cuidar. Cuidar das crianças e da terra é, para mim, cuidar da continuidade do nosso modo de viver, dos nossos saberes e da nossa cultura.

Povo Potiguara

Alice de Melo Santiago



Sou mulher indígena, mãe, esposa e uma pessoa comprometida com as lutas e necessidades da minha comunidade.

Pertencente do povo Potiguara, da aldeia Vila Nova, Monsenhor Tabosa- Ce, minha trajetória é marcada pelo compromisso com a educação escolar indígena diferenciada e pelo fortalecimento da nossa cultura.

Como mãe atípica e educadora, reconheço a importância de buscar conhecimentos que possam contribuir não apenas para minha formação, mas também para o desenvolvimento do meu povo. Foi nesse propósito que ingressei no curso de Licenciatura Intercultural Indígena, buscando ampliar saberes e fortalecer minha atuação na comunidade.

Para mim, a educação é um caminho de luta, resistência e valorização da nossa cultura.

Antonio Marcos Rodrigues Alves



Sou Pertencente do povo Potiguara, da aldeia Vila Nova, Monsenhor Tabosa- Ce, onde trajetória está profundamente ligada à minha comunidade e à valorização da cultura e dos saberes do meu povo.

Desde cedo aprendi com os mais velhos a importância das tradições, da língua, da história e do respeito à natureza. Essas experiências me motivaram a participar das atividades da comunidade, colaborando em ações culturais, educativas e sociais que fortalecem nossa identidade indígena.

Cursar a Licenciatura Intercultural Indígena é muito importante para mim, pois desejo me preparar melhor para atuar na educação da minha comunidade. Quero contribuir para uma educação diferenciada, que respeite nossa cultura, fortaleça nossa identidade e promova o desenvolvimento do nosso povo. Acredito que, por meio da formação, poderei ajudar a construir uma escola que valorize nossos saberes e forme novas gerações comprometidas com a preservação da nossa cultura e com o futuro da nossa comunidade.

Diana Kaila Moreira Silva



Sou Pertencente do povo Potiguara, da aldeia Vila Nova, Monsenhor Tabosa- Ce.

A formação na Licenciatura Intercultural Indígena representa uma importante oportunidade de fortalecimento dos saberes tradicionais, da minha identidade cultural e do compromisso com a educação e com o desenvolvimento da comunidade indígena.

Luis Alberto Soares Rodrigues



Pertencente do povo Potiguara, da aldeia Vareda dos Oitis, dos sertões de Crateús- Ce, sou militante do movimento indígena em minha região há 21 anos e professor indígena na Escola Indígena Raízes de Crateús.

Vejo a Licenciatura Intercultural Indígena como uma oportunidade de buscar conhecimentos e trazer para dentro do nosso território os aprendizados adquiridos na universidade.

Maria Jessica Gomes da Silva (Yakecan Potyguara)



Sou pertencente ao povo Potyguara, do Território Indígena São José, em Crateús-CE.

Sou artista, cineasta, comunicadora, atriz e ativista indígena. Também sou fundadora do Coletivo Caboclas LGBTI+ Indígena, iniciativa voltada ao protagonismo, à visibilidade e ao fortalecimento de indígenas LGBTQIA+ no Ceará e em todo o Brasil.

A Minha atuação reúne diferentes linguagens artísticas, como cinema, fotografia, audiovisual, roteiro, percussão e comunicação. Entre meus trabalhos estão os filmes O Filho da Jurema (2023), Perder Não é Matar (2024) e Vozes Ancestrais (2025), além de ser protagonista do documentário Notas de Yakecan (2024). Em 2023, integrei a formação em Teatro da Escola Porto Iracema das Artes, fortalecendo minha trajetória artística e cultural.

Maria Jessica Gomes da Silva (Yakecan Potyguara)



Também atuo como comunicadora indígena e participo de importantes articulações, como a APOINME e a Via Campesina LGBT. Integro o Comitê Técnico Nacional de Saúde Integral LGBTIA+ do Ministério da Saúde, contribuindo para o fortalecimento de políticas públicas voltadas à promoção da saúde e dos direitos da população LGBTQIA+.

A Licenciatura Intercultural Indígena fortalece minha atuação em defesa de uma educação indígena diferenciada, intercultural e comprometida com a valorização dos saberes ancestrais. Por meio da arte, da comunicação e da militância, busco fortalecer a cultura, a espiritualidade, os direitos humanos e a memória do povo Potyguara, construindo pontes entre ancestralidade, educação e transformação social

Maluy Potyguara-Porangaba



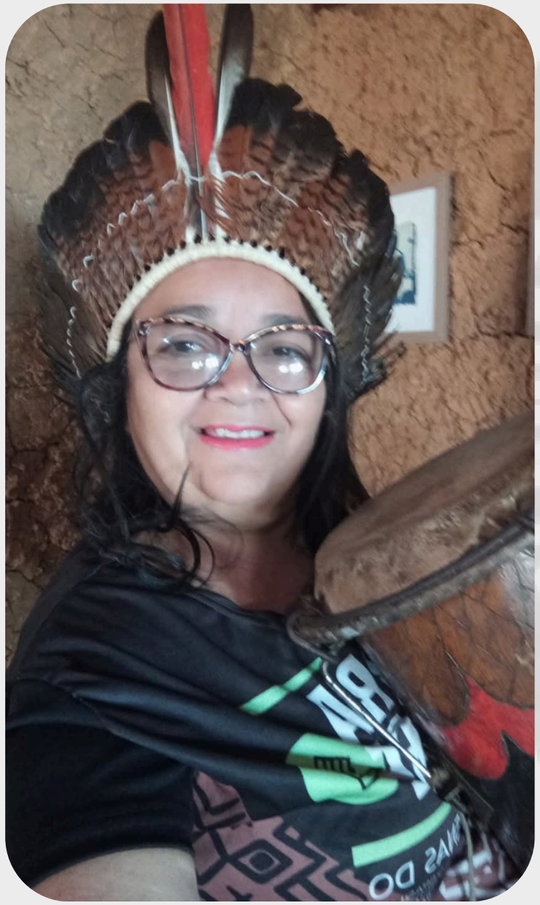
Sou Maluy, indígena do povo Potyguara Porangaba, de Fortaleza-CE, e me identifico como uma pessoa trans não binária.

Em 2023, fundei o coletivo de indígenas em contexto urbano Sarigueia Akangatu.

Atuo como multiartista, transitando entre as artes visuais, o teatro, a música e a escrita, utilizando a arte como forma de expressão, resistência e valorização da minha identidade e do meu povo

Povo Tabajara

Maria do Socorro Rodrigues Araujo



Sou pertencente do Povo Tabajara, do aldeamento Vila Nova, Monsenhor Tabosa- Ce.

Faço parte do movimento indígena desde 2006 e gosto muito de atuar na minha comunidade. Já trabalhei com cerca de 40 crianças em situação de vulnerabilidade, distribuindo sopa três vezes por semana. Também atuei em três escolas indígenas: Escola Indígena Tabajara, Povo Caceteiro e Cultura Viva.

Atualmente, estou cursando a Licenciatura Intercultural Indígena, espaço no qual venho ampliando meus conhecimentos e fortalecendo minha formação.

Meu objetivo é compartilhar essas aprendizagens e vivências com meus alunos e com a comunidade da Aldeia Vila Nova, contribuindo para uma educação pautada no respeito, na valorização cultural e na convivência harmoniosa entre todos.

Aruena Tabajara da Silva Gomes



Sou Aruena Tabajara, indígena do povo Tabajara, originária do município de Poranga- Ce. Atuo profissionalmente como professora indígena, dedicando minha trajetória à docência no contexto da educação escolar diferenciada e específica da minha comunidade. A minha práxis pedagógica é pautada na valorização da cultura, da historiografia e das epistemologias tradicionais no espaço escolar.

Compreendo a educação como um dispositivo político e pedagógico fundamental para o fortalecimento da nossa identidade étnica, para a promoção da autonomia das nossas comunidades e a salvaguarda dos conhecimentos ancestrais em prol das futuras gerações.

O meu objetivo acadêmico reside no aprofundamento teórico-metodológico para articular o conhecimento científico aos saberes tradicionais indígenas, visando consolidar uma educação especifica, intercultural e diferenciada para meu povo.

Povo Tapeba

Francisco Edinardo da Silva Barbosa



Sou pertencente do povo Tapeba, da aldeia do Trilho, Caucaia-Ce.

Meu interesse em cursar a Licenciatura Intercultural Indígena está voltado ao fortalecimento e à transmissão da cultura do povo Tapeba para os Kurumins, contribuindo para a valorização dos saberes tradicionais e para a continuidade da identidade cultural entre as novas gerações.

Jocelio Almeida do Nascimento



Nasci na comunidade do Capuan, em Caucaia, Ceará, mas minhas raízes vêm da Comunidade Lagoa dos Tapebas. Sou neto de Meire e Luís Moco, nossos troncos velhos, de quem tenho imenso orgulho. Carrego esse legado não apenas no sangue, mas também na identidade, na luta e no compromisso com o povo Tapeba.

Sou militante do movimento indígena, esposo de Vanessa, pai de Max Andrew e Saymon, filho de Dona Lidú e Josa. Faço parte de uma família de seis irmãos, que também são militantes do movimento e professores indígenas, fortalecendo diariamente a valorização da nossa cultura e da educação.

Atualmente, sou estudante da LIINDI/UNILAB/PARFOR Equidade. Busco ampliar meus conhecimentos para contribuir com a melhoria do presente e do futuro das nossas crianças e jovens, especialmente na área da educação. Acredito que estudar é também dar continuidade aos sonhos e às lutas dos nossos troncos velhos, fortalecendo a identidade e a história do povo Tapeba.

Maria Jaqueline Rodrigues Lima



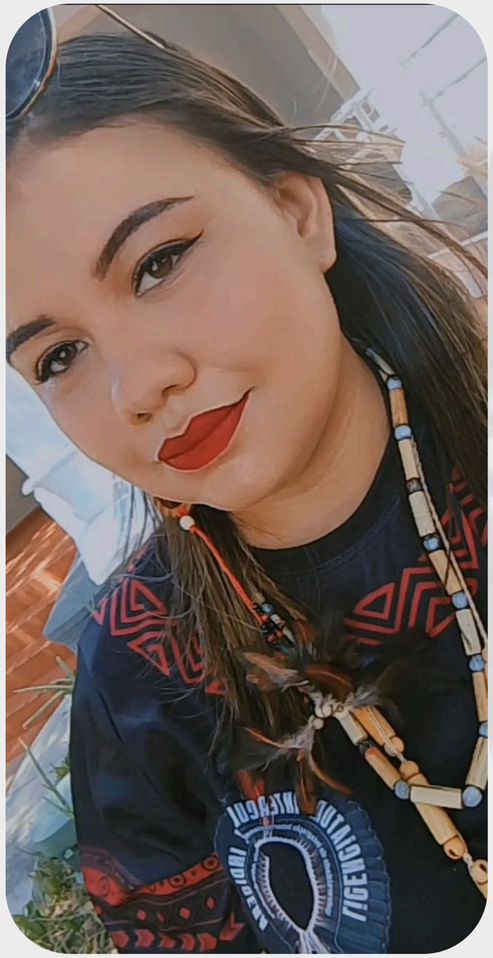
Sou pertencente do povo Tapeba, da aldeia Jardim do amor, Caucaia-Ce.

Atualmente participo da Associação de Mulheres Indígenas Tapeba (AMITA) e também atuo como militante do movimento indígena.

Estou cursando a licenciatura com o objetivo de me formar, conhecer outras comunidades indígenas e promover a troca de saberes tradicionais. Tenho muito orgulho de ter aulas com nossos troncos velhos e com nossas lideranças.

Fazer parte dessa licenciatura é motivo de grande orgulho, assim como estar em uma turma de graduação, tendo aulas com professores qualificados que contribuem para a formação de jovens como eu.

Maria Thaynara de Carvalho da Silva (Naara Tapeba)

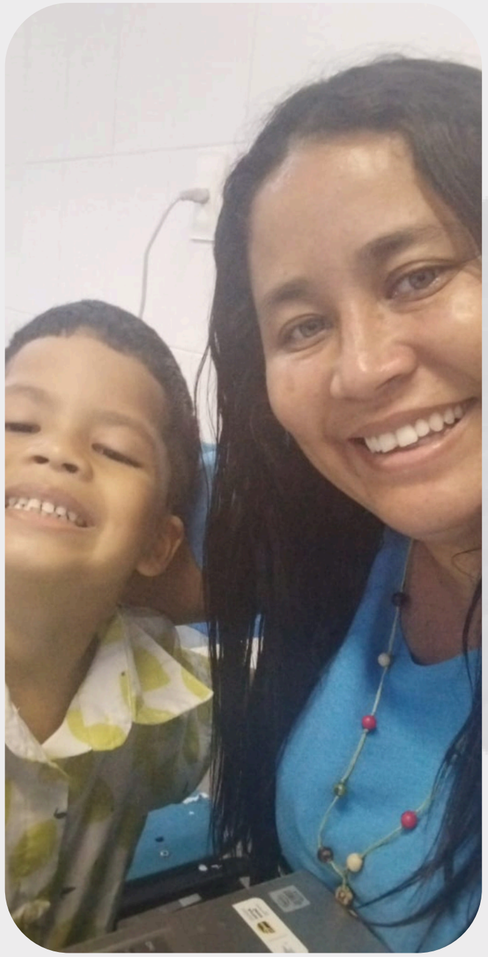


Sou pertencente ao povo Tapeba, da Comunidade Lagoa dos Tapebas, em Caucaia-CE.

Desde nova, sigo acompanhando os ensinamentos da minha avó, Pajé Raimunda, do povo Tapeba, e da minha mãe, aprendendo cada vez mais sobre a nossa cultura. Junto à minha avó, venho conhecendo os saberes relacionados às plantas medicinais e, na comunidade, ampliando meus conhecimentos sobre a educação e a saúde indígena.

Ao lado do meu povo e das minhas lideranças, sigo nessa caminhada de aprendizado e valorização dos nossos saberes. Na Licenciatura Intercultural Indígena, tenho a oportunidade de aprender cada vez mais com meus colegas e professores, fortalecendo minha formação e dando continuidade aos ensinamentos dos meus avós, Cacique e Pajé, junto às lideranças do meu povo.

Vanessa Soares Gomes



Sou pertencente do povo Tapeba, da aldeia Lagoa dos Tapeba, Caucaia-Ce.

Atualmente, atuo como professora em minha comunidade, desenvolvendo uma prática pedagógica comprometida com os princípios da educação escolar indígena. Minha atuação busca articular os conhecimentos científicos com os saberes tradicionais do povo Tapeba, promovendo uma educação intercultural, contextualizada e voltada para a valorização da identidade, da cultura e dos modos de vida indígenas.

Além da atuação em sala de aula, participo ativamente nós movimentos incluindo atividades culturais, eventos tradicionais e ações coletivas que visam o fortalecimento da identidade indígena e a preservação dos saberes ancestrais. A Licenciatura Intercultural Indígena representa uma oportunidade de qualificação, aprofundamento de conhecimentos e fortalecimento de práticas pedagógicas voltadas a uma educação indígena crítica e de qualidade.

Victor Breno Carvalho Silva



Meu nome é Victor Breno, mas, dentro do meu povo, também sou conhecido como Vitor Tapeba ou Aruanã. Sou pertencente ao povo Tapeba, da aldeia Jardim do Amor, em Caucaia-CE.

Hoje, sou estudante da Licenciatura Intercultural Indígena na UNILAB. Escolhi esse curso porque sempre tive o sonho de ser professor. Acredito que a educação é uma forma de fortalecer nossa comunidade e quero fazer parte de uma geração com cada vez mais professores indígenas, levando nossos conhecimentos, nossa história e nossa forma de ver o mundo para as escolas.

Gosto de viver minha cultura, de me pintar com jenipapo e de colher os frutos com meus amigos para fazer a tinta. Também sou artista visual e digital dentro do meu povo e vejo a arte como forma de valorizar nossa identidade e registrar nossas histórias.

A universidade é mais um passo na minha caminhada. Quero aprender cada vez mais para devolver esse conhecimento à minha comunidade, contribuindo com a educação e com a valorização dos nossos povos.

Vitória Régia Carvalho Silva



Sou uma mulher pansexual, negra e indígena de etnia Tapeba, moradora da aldeia do Jardim do Amor na Terra Indígena Tapeba localizada em Caucaia, onde nasci e me criei junto dos parentes e dos ancestrais encantados. Trabalho com design e moda e sou graduanda do curso de Licenciatura Intercultural Indígena (LIINDI/UNILAB/PARFOR).

Também sou coordenadora geral da Articulação de Jovens Indígenas Tapeba (AJIT) e segunda secretaria na Coordenação de jovens indígenas do Ceará (COJICE). Filha e neta de agricultores, caçadores e rezadores, mantenho forte vínculo com a minha cultura, de onde tiro forças para lutar pelo território junto dos meus parentes. Transformo as emoções e minhas vivências com o meu corpo-território em expressões que transmitem força e espiritualidade como: Composições, fotografias, edições e escritas que atravessam quem lê.

Povo Tremembé

Chirliane Castro de Oliveira



Sou pertencente do povo Tremembé, da Barra do Mundaú, Itapipoca-Ce.

Também sou professora da Escola Indígena Brolhos da Terra, e o que me motiva a estar na Licenciatura Intercultural Indígena é a força, a ancestralidade e a resistência do meu povo, que orientam minha trajetória na educação.

Cleonice Nascimento do Carmo



Sou pertencente do povo Tremembé, da Barra do Mundaú, Itapipoca-Ce.

Atuo em meu território, participando ativamente de coletivos, grupos culturais, reuniões e movimentos de fortalecimento, tanto no âmbito interno quanto em espaços externos da comunidade. Essas experiências contribuem para o fortalecimento da identidade e da organização do meu povo.

Nesse contexto, a Licenciatura Intercultural Indígena se apresenta como um importante instrumento de formação, possibilitando o aprofundamento e a valorização dos saberes e práticas do meu povo.

Esrael Virgino de Souza



Sou pertencente do povo Tremembé, da Barra do Mundaú, Itapipoca-Ce.

Atualmente, sou presidente do Conselho Indígena Tremembé de Itapipoca (CITI), atuando na defesa dos direitos e na organização da comunidade. Também contribuo com iniciativas voltadas à juventude, por meio do esporte, e com a valorização cultural, coordenando o grupo de artesanato Curumim e atuando como artesão, atuando na produção e valorização do artesanato indígena Tremembé, preservando técnicas tradicionais e fortalecendo a identidade cultural do meu povo.

Além disso, trabalho como professor na Escola Indígena Brolhos da Terra, contribuindo para a educação e formação das novas gerações. Cursar a Licenciatura Intercultural Indígena fortalece minha atuação como educador e liderança, ampliando conhecimentos pedagógicos em diálogo com os saberes tradicionais do meu povo.

Gabriela Silvestre de Castro



Sou pertencente ao Povo Tremembé da Barra do Mundaú, município de Itapipoca-CE.

Sou graduada em Bacharelado em Antropologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), no município de Redenção. Pela mesma universidade, sou discente da Licenciatura Intercultural Indígena (LIINDI/PARFOR Equidade). Trabalho na Secretaria da Cultura do Estado do Ceará.

A Licenciatura Indígena é fruto de uma luta coletiva do movimento indígena do Estado do Ceará. Chegou para fortalecer e enriquecer a educação escolar indígena, articulando os conhecimentos acadêmicos aos conhecimentos tradicionais indígenas.

Participo ativamente do movimento indígena e faço parte dos coletivos Drama Tremembé e Protegidas dos Orixás.

Maria Delane do Nascimento



Sou pertencente do povo Tremembé, da aldeia Telhas - Córrego João Pereira, Acaraú-Ce.

Sou uma jovem que está iniciando sua trajetória no movimento indígena. Estudei na escola da minha aldeia até o Ensino Fundamental I e concluí o Ensino Médio em escola convencional. Integro o grupo Juventude Indígena Tremembé de Telhas (JITT), que atua no fortalecimento da cultura, dos saberes e das tradições do povo Tremembé, visando sua continuidade entre as novas gerações. Também atuo como professora da Educação Infantil na minha comunidade.

A Licenciatura Intercultural Indígena tem sido fundamental em minha trajetória, contribuindo para minha atuação docente e fortalecendo o meu compromisso com a educação e com o meu território.

Maria Rosiele do Nascimento



Sou pertencente do povo Tremembé, da aldeia Telhas - Córrego João Pereira, Acaraú-Ce.

Atualmente, sou agente jovem ambiental (AJA), filha de indígenas agricultores e estou iniciando minha trajetória no movimento indígena, reconhecendo que ainda tenho muito a aprender.

A educação indígena é essencial para os povos tradicionais que enfrentam o preconceito e a opressão. Ter acesso a uma formação que valoriza nossos saberes e fortalece nossa ancestralidade representa a realização de um sonho, que esperamos ver cada vez mais fortalecido.

Por meio da Licenciatura Intercultural Indígena, venho me fortalecendo culturalmente e já consigo contribuir com minha comunidade, atuando na escola da aldeia.

Moisés Cabral Sousa



Sou pertencente ao povo Tremembé de Almofala, da aldeia Varjota, no município de Itarema, Ceará. Possuo formação técnica em Agroecologia e Educação do Campo, além de formação em Gestão Ambiental e Territorial. Também atuo como artista visual, fotógrafo e membro do grupo ”Tamain Arte Indígena”, tendo participado de diversos projetos artísticos em diferentes áreas.

Utilizo meu trabalho como forma de disseminar a cultura do meu povo e também de outros povos indígenas. Atualmente, sou discente do curso de Licenciatura Intercultural Indígena (LIINDI/UNILAB/PARFOR), e, assim como outros estudantes, meu propósito é contribuir com a luta do meu povo por meio da educação, especialmente da educação indígena.

Acredito que o ensino da história de forma correta é um caminho importante para o enfrentamento dos preconceitos e estereótipos que os povos indígenas ainda sofrem na sociedade atual.

Francisca Naziana Henrique



Sou pertencente ao povo Tremembé de Almofala, da aldeia Tapera, no município de Itarema, Ceará. Atuante na luta do meu povo, sou filha da educação escolar indígena Tremembé, desde o Ensino Fundamental, e tenho tentado contribuir para a continuidade da nossa história e para a valorização dos saberes dos nossos troncos velhos, fortalecendo a identidade cultural do meu povo.

Também sou idealizadora do grupo “Dançarinas Ancestrais”, que visa a valorização das danças culturais, a manutenção e ao repasse de saberes entre gerações. Também sou bolsista de um projeto científico que tem como tema "Os impactos da ditadura militar para os Povos Indígenas no Ceará no acervo da pastoral indigenista da arquidiocese de Fortaleza".

Ingressar na universidade é um sonho ancestral, pois foram nossos antepassados que sonharam e lutaram por isso, e hoje eu colho esse fruto e vivo esse sonho. A LIINDI/UNILAB/PARFOR tem sido mais do que uma formação acadêmica; tem sido uma ponte para novos horizontes, ampliando meus conhecimentos e fortalecendo minha vivência intercultural por meio da troca de saberes com outros povos indígenas.